

ATELIER GAIA: SUA HISTÓRIA E A ARTE NO CAMPO DA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL*Paula da Conceição Fabrício^a**Maria Tavares Cavalcanti^b**Maria Cristina Reis Amendoeira^c***Resumo**

O *Atelier Gaia* é um serviço criado na Colônia Juliano Moreira, zona oeste do Rio de Janeiro, com origem no Museu Nise da Silveira, atual Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (MBRAC), na década de 80 do século XX, nos anos iniciais da Reforma Psiquiátrica Brasileira, período de transição do modelo asilar para a atenção psicossocial. O objetivo deste artigo é registrar a história e evolução do espaço, contrapondo com as ideias de Nise da Silveira, corroborando o entendimento e a constatação de como o uso terapêutico da produção artística é capaz de promover a reabilitação psicossocial dos envolvidos na criação. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, na qual se utilizou as técnicas observação participante, estudo de caso e entrevistas aprofundadas, individuais e em grupo com os personagens do *atelier*, o que permitiu observar a importância que teve na subjetivação, autonomia e liberdade destes indivíduos. Concluiu-se que a continuidade do *Atelier Gaia* e a expansão de serviços similares por toda rede de cuidado deveria ser garantida como espaço terapêutico e de criação, o que poderia representar uma nova fase de desenvolvimento no modelo assistencial, isto é, uma reforma cultural por meio da própria cultura e da arte. Foi desta maneira que o *Atelier Gaia* estruturou-se e participou da reabilitação psicossocial de todos os que estiveram envolvidos com o seu desenvolvimento, proporcionando subjetivação, autonomia e reduzindo a necessidade do aparato manicomial e assim fortalecendo o campo da atenção psicossocial.

Palavras-chave: Saúde mental. Atenção psicossocial. Serviço de saúde mental. Reforma dos serviços de saúde. Arte e cultura.

^a Médica. Psiquiatra atuando no Centro de Atenção Psicossocial Franco Basaglia. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^b Doutora em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental. Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Diretora do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^c Doutora em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental. Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Associada à International Psychoanalytical Association (IPA). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Endereço para correspondência: Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Avenida Venceslau Brás, número 71, Botafogo. Rio de Janeiro. RJ, Brasil. CEP: 22290-140: E-mail: paulafabricio@gmail.com

Abstract

Atelier Gaia is a service started in Colônia Juliano Moreira, in the west zone of Rio de Janeiro, it begins in Nise da Silveira Museum, currently called Bispo do Rosário Contemporary Art Museum, in the 1980's, at the beginning of the Brazilian Psychiatric Reform, period of transition between the asylum system and the psychosocial intervention. The objective of this article is to register the history of the formation and evolution of this place, along with Nise da Silveira's ideas, corroborating the understanding and the realization of how the use of therapeutic and artistic creation is able to promote the psychosocial rehabilitation of creation participants. The methodology adopted was the qualitative research, using techniques of participating observation, case study and in-depth interviews, individually and in groups with the characters from atelier, what allowed to observe its importance to subjectivation, autonomy and liberty of these individuals. In conclusion, the permanence of Atelier Gaia and the expansion of similar services all over the care system should be ensured as a therapeutic and creative space, what could mean a new phase to the development of assistance model, meaning a cultural reformation through culture and art themselves. Atelier Gaia structured itself this way and took part into the psychosocial rehabilitation of all of those who were involved with its development, allowing subjectivation, autonomy and reducing the need of asylum apparatus, therefore strengthening the field of psychosocial attention.

Keywords: Mental Health. Psychosocial intervention. Mental health services. Health care reform. Art and culture.

ATELIER GAIA: SU HISTORIA Y LA ARTE EN EL CAMPO DE LA ATENCIÓN PSICOSOCIAL

Resumen

Atelier Gaia es un servicio creado en la Colonia Juliano Moreira, en la zona oeste del Rio de Janeiro. Su origen fue en el museo Nise da Silveira, actual Museo Bispo do Rosário Arte Contemporánea, en la década de 80 del siglo XX, en el comienzo de la Reforma Psiquiátrica Brasileña, período de transición del modelo asilar para la atención psicosocial. El objetivo de este artículo es registrar la historia de la formación y de la evolución de este espacio, contraponiendo con las ideas de Nise da Silveira, reforzando la comprensión y la constatación de como el uso terapéutico de la producción artística es capaz de promover la rehabilitación psicosocial de los

participantes de esta creación. La metodología adoptada fue la investigación cualitativa, en que se utilizaron las técnicas observación participante, estudio de caso y entrevistas en profundidad, individuales y en grupo con los personajes del taller, lo que permitió observar la importancia que ha tenido en la subjetivación, autonomía y libertad de estos individuos. Concluyese que la continuidad del Atelier Gaia y la expansión de los servicios similares por toda red de cuidado debería ser garantizada como espacio terapéutico y de creación, o que podría representar una nueva fase de desarrollo en el modelo asistencial, esto es, una reforma cultural por medio de la propia cultura y del arte. Fue de esta manera que el Atelier Gaia se ha estructurado y participado de la rehabilitación psicosocial de todos que estuvieron implicados en su desarrollo, proporcionando subjetivación, autonomía y reduciendo la necesidad del aparato manicomial y así fortaleciendo el campo de la atención psicosocial.

Palabras claves: Salud mental. Atención psicosocial. Servicio de salud mental. Reforma de los servicios de salud. Arte y cultura.

INTRODUÇÃO

As origens do *Atelier Gaia*, localizado na Colônia Juliano Moreira (CJM), estão na fundação do Museu Nise da Silveira, em 1982, ano em que as internações psiquiátricas de longa duração foram suspensas, já com intenção reformadora¹. A oficina de artes do Museu foi criada em 1989, no contexto da Reforma Psiquiátrica Brasileira e da desinstitucionalização. A produção artística foi estimulada na CJM como atividade expressiva, visando ao processo de subjetivação de pessoas em sofrimento psíquico. Eles vivenciavam as transformações no campo da saúde mental e foram necessárias práticas terapêuticas que estimulassem a reorganização do indivíduo e sua inclusão social. O processo de subjetivação, por meio do fazer artístico, é fortalecido, pois possui o potencial de dar um novo sentido de identidade e assimilação de novas representações à vida psíquica².

A Reforma Psiquiátrica Brasileira iniciou-se com o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), em 1978, no período de redemocratização do país. A organização fez críticas ao modelo psiquiátrico clássico e às práticas de violência, abandono e exclusão, adotadas nos manicômios, e começou a discutir a desinstitucionalização como uma forma alternativa ao sistema asilar³.

A desinstitucionalização ganhou força na *I Conferência Nacional de Saúde Mental*, em 1987, que foi considerada o marco inicial da trajetória de desconstrução do cotidiano das instituições, da sociedade e das formas arraigadas de lidar com a loucura. A luta era: “Por

uma sociedade sem manicômios^{1:35}. O Plano de Reorientação da Assistência Psiquiátrica já recomendava, em 1982, que a assistência em saúde mental deveria ser predominantemente extra-hospitalar⁴. A desinstitucionalização buscava formas de criar autonomia e integração social para pessoas em sofrimento psíquico e também desenvolver novos métodos de cuidado na assistência em saúde mental. A ação da cultura tornou-se estratégica no Movimento da Luta Antimanicomial, pois convocou a sociedade para discutir e reconstruir sua relação com o louco e com a loucura¹.

O trabalho criativo na CJM, inserido nesse processo, foi estimulado nas práticas desenvolvidas no campo da reabilitação psicossocial. Os meios de subsidiar a própria vida eram de grande importância para o sucesso da cultura que estava estabelecendo-se. A produção de arte constituiu-se, então, em um instrumento mediador fundamental no processo da Reforma Psiquiátrica Brasileira, gerando possibilidades reais de trocas interpessoais e sociais.

“Em lugar da lavoura, o fazer artístico”, este foi o lema adotado na CJM. Sua finalidade foi reconduzir pacientes dos serviços de saúde mental ao mercado de trabalho por meio da comercialização de suas obras de arte. Buscava-se a inserção dessas obras no mercado como um meio de resgatá-los de uma condição prévia desfavorável e possibilitar a reconstrução de suas vidas.

A criação de serviços, com foco na produção artística, funcionou como recurso para uma nova perspectiva de cuidado em saúde mental. A atividade terapêutica por meio da arte proporcionou mais uma via de contato do sujeito com suas emoções². Este método fez um contraponto com o modelo assistencial asilar, estabelecido na CJM desde sua fundação, considerado o maior e mais violento espaço de exclusão, de sonegação e mortificação das subjetividades³.

O Museu Nise da Silveira foi renomeado Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (MBRAC) em 2001. A divergência sobre a projeção artística e o cuidado terapêutico com os sujeitos que iniciaram seu processo de criação na instituição psiquiátrica fez com que, após dois anos, houvesse uma ruptura entre a oficina de artes e o MBRAC. Dessa separação foi criado o Ateliê Terapêutico Ocupacional Gaia, que completou uma década em 2013, mesmo ano em que o *atelier* foi reabsorvido pela nova direção do MBRAC. No primeiro momento da refusão, houve uma perda na ênfase do caráter terapêutico para transformar-se em um *atelier* profissional e passou a se chamar *Atelier* Gaia. Sua finalidade era a incorporação dos seus frequentadores no universo da arte com a comercialização de suas obras e o aumento da exibição delas. No ano seguinte, o serviço retomou uma vertente terapêutica.

O processo de desinstitucionalização foi facilitado durante o período de 25 anos em que o método com arte foi utilizado. Os pacientes com diagnóstico de esquizofrenia

constituíram a maioria dos participantes da oficina. O trabalho desenvolvido incitou a autonomia, a capacidade de criação, além das trocas mercantis. Estimulou a inserção social dos seus frequentadores, utilizando a valorização de suas produções criativas, e seguiu o caminho para uma menor dependência do aparato institucional. A oferta de um espaço para que se colocassem de uma forma mais atuante e com conseqüente encorajamento da cidadania, acabou proporcionando aos participantes maior visibilidade. Foi possível construir novas referências dentro do contexto da saúde mental e social. Os instrumentos utilizados para contar a história do *Atelier Gaia*, por meio de suas origens, foram: a organização da história do *Atelier Gaia*, desde suas origens na fundação do Museu Nise da Silveira em 1982 até 2014, contextualizando com as principais atividades artísticas desenvolvidas na CJM e as transformações ocorridas no campo da saúde mental durante o período; entrevistas aprofundadas com personagens pioneiros na história do *atelier*⁵; documentos históricos do MBRAC e do *Atelier Gaia*; análise dos relatos e do trabalho de campo como observador participante.

Para a organização da história do *Atelier Gaia* foi preciso conhecer um pouco da história do Museu Nise da Silveira, localizado dentro de uma colônia psiquiátrica e voltado, a princípio, para questões pertinentes à criação artística no espaço manicomial. Foi importante delinear, no tempo, as relações entre direção do Museu e terapeutas em conjunto com pacientes, que compõem os personagens da história do *atelier*.

O objetivo deste artigo é registrar a história da formação e as características de um serviço constituído no fim da primeira década da Reforma Psiquiátrica Brasileira e que continua em crescimento. Espera-se que possa servir de referência para o desenvolvimento de novos projetos de saúde mental que utilizem a produção artística como instrumento. Deseja-se também fomentar o poder terapêutico do trabalho criativo como um catalisador no processo de atenção psicossocial, já que este modelo nos convida a pensar e desenvolver sempre novas formas de cuidado e inclusão social.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa qualitativa, utilizou-se as técnicas de observação participante, estudo de caso e entrevistas aprofundadas, individuais e em grupo, para reconstruir a história da criação e do desenvolvimento *atelier* e conhecer o cotidiano dos participantes⁶. A abordagem qualitativa baseou-se no mundo dos significados das ações e relações humanas⁷. A convivência no *atelier* tornou-se fundamental e o trabalho de campo permitiu a interação com os frequentadores. As atividades foram realizadas de setembro de 2011 até meados de 2014 em encontros semanais. No decorrer da convivência, foram realizadas criações artísticas

e as entrevistas. Este contato mais próximo permitiu coletar a história e as impressões dos frequentadores sobre a formação e o funcionamento do *atelier* e como as atividades realizadas ajudaram no processo de reabilitação psicossocial de cada um, assim como conhecer suas expectativas quanto à evolução do serviço. À medida que os laços foram estreitando-se e a confiança entre ambos foi aumentando, maiores e mais confiáveis tornaram-se as informações fornecidas pelo grupo⁶.

Entrevistas aprofundadas individuais e coletivas foram realizadas com os personagens pioneiros do *atelier*. Partiu-se da definição de entrevista aprofundada como uma técnica de coleta de dados usada em pesquisa qualitativa quando a meta é coletar detalhadamente a informação de um ou de muitos indivíduos, ricamente estruturada e centrada na pessoa⁵. É usada para investigar o que é significativo para os indivíduos. Neste tipo de entrevista, o pesquisador inicia o diálogo colocando o entrevistado como ser humano e não como sujeito de estudo. Na entrevista aprofundada, a interação entre os seus atores é parte da própria entrevista e produz igualmente o tom e o conteúdo dos dados coletados, porém não são simples coletas de dados. São criadas no processo de colaboração entre investigador e investigado. O entrevistador assume, nesse compromisso, uma variedade de papéis, inclusive o de confidente, amigo e conselheiro⁵.

Foram realizadas duas entrevistas, em 2012 e 2013, com Rita Bittencourt, terapeuta ocupacional responsável pela fundação do *atelier*. Os frequentadores do serviço inicialmente foram entrevistados individualmente e depois em grupo, em fevereiro de 2013: Arlindo Oliveira, Gilmar Ferreira, Leonardo Lobão e Patrícia Ruth. As entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos entrevistados, transcritas e editadas.

Foi feito um levantamento de documentos no *Atelier* Gaia, assim como daqueles arquivados no Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (MBRAC). Os dados históricos da fundação do Museu e da oficina de artes foram embasados em uma pesquisa anterior de Denise Corrêa, realizada em 2002⁸, psicóloga que participou ativamente do processo de criação da oficina de artes e da direção do Museu Nise da Silveira de 1990 a 1995. Os relatos de Frederico Morais⁹, crítico de arte responsável pela legitimação da obra de Bispo do Rosário e membro fundador da Associação dos Artistas da Colônia Juliano Moreira (AACJM), também foram consultados.

Os estudos de Nise da Silveira constituíram-se em fonte para a discussão e fundamentação da importância do *atelier* e sua produção, assim como para o entendimento do seu funcionamento efetivo como espaço de cuidado e agente terapêutico:

Repetidas observações demonstraram que dificilmente qualquer tratamento será eficaz se o doente não tiver ao seu lado alguém que

represente o ponto de apoio sobre o qual ele faça investimento afetivo. Em qualquer oficina terapêutica ocupacional, esse ponto de referência é a monitora ou o monitor. Num *atelier* ou oficina, o monitor funciona como uma espécie de catalisador^{10:200}.

RESULTADOS

A Colônia Juliano Moreira (CJM) foi fundada em 1924, com o nome de Colônia de Psicopatas Homens, e renomeada em 1935. Inicialmente recebeu internos provenientes dos asilos São Bento e Conde de Mesquita, localizados na Ilha do Governador (RJ), que comportavam o contingente de pacientes psiquiátricos. Estes asilos foram considerados estruturalmente inapropriados, inclusive em termos sanitários. A CJM teve seu projeto baseado no modelo heterofamiliar preconizado por Juliano Moreira^d com a proposta de convivência entre esses pacientes e as diversas famílias que se instalaram na Colônia. O objetivo que se buscava era a ressocialização. Seu projeto também focou o tratamento por meio do trabalho agrícola¹¹⁻¹².

A produção artística na CJM teve em Arthur Bispo do Rosário, um dos seus internos mais ilustres. Arthur Bispo do Rosário nasceu em Japarutuba, Sergipe, em 1911 e morreu no Rio de Janeiro, na CJM, em 1989. Ele foi internado no Hospício Nacional dos Alienados, em 1938, e transferido para a CJM em 1939. Sua relação com a CJM durou 50 anos, com períodos de altas médicas e fugas de instituições psiquiátricas onde foi internado, a saber: Hospital de Alienados da Praia Vermelha, Centro Psiquiátrico Pedro II no Engenho de Dentro e a CJM. Até que, em 1964, foi internado definitivamente na CJM, com o diagnóstico de Esquizofrenia Paranoide⁹. No decorrer desses anos de institucionalização, Bispo do Rosário criou em seu quarto, localizado no pavilhão dez do núcleo Ulisses Viana, seu inventário, que atualmente forma um acervo de cerca de 1.000 obras. Este foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural (INEPAC) e homologado pela Secretaria de Estado do Rio de Janeiro em 1994⁸.

A consagração como artista chegou antes mesmo da sua morte, com os esforços do crítico de arte Frederico Moraes para que sua obra fosse reconhecida no campo das artes plásticas. Em 2013, a obra de Bispo do Rosário tornou a ser exibida na 55ª Bienal de Veneza, já tendo participado da 46ª Bienal de Veneza em 1995. Suas obras são tomadas como referência no cenário atual da Arte Contemporânea Brasileira. Durante a 30ª Bienal de São Paulo, realizada entre os dias 7 de setembro a 9 de dezembro de 2012, teve papel de destaque, já tendo sido exposta em Londres, no mesmo ano, no Victoria & Albert, museu conhecido pelo acervo de

^d *Juliano Moreira (Salvador, 1873 - Rio de Janeiro, 1933) psiquiatra e professor universitário, representou o Brasil em diversos congressos científicos internacionais, assumiu a direção do Hospital Nacional dos Alienados na Praia Vermelha, de 1903 a 1930. É considerado pioneiro no processo de modernização da psiquiatria brasileira. Defendia que os fatores físicos e situacionais originavam as doenças mentais.*

design e arte têxtil. As obras do artista estão sob a curadoria do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea e submetidas à administração do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira.

O Museu Nise da Silveira foi criado na CJM em 1982⁸. Uma característica importante da sua primeira diretoria foi ser mista, formada por profissionais do campo da saúde mental e da arte: a artista plástica Maria Amélia Mattei, que contou, na sua equipe, com a psicóloga Denise Corrêa e com a curadoria do crítico de arte Frederico Morais.

A Associação de Amigos dos Artistas da Colônia Juliano Moreira (AAACJM) foi fundada em 17 de maio de 1989 e registrada oficialmente em 1990⁸, seguindo os moldes da Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente de 1974. A AAACJM teve como alguns de seus membros fundadores Denise Corrêa, Frederico Morais, Gerardo Vilaseca e Lula Wanderley. Tinha como objetivo discutir as melhorias das condições de vida e a conservação da obra de Bispo do Rosário, falecido em julho do mesmo ano. Nessa ocasião decidiu-se que os cuidados deveriam estender-se a todos os artistas da Colônia. A associação, além de proteger o acervo e os direitos dos artistas da CJM, promoveu exposições, atividades culturais, eventos, pesquisas, palestras, debates e outras realizações de ensino e informação audiovisual sobre o tema arte e loucura. A AAACJM passou a financiar a oficina de artes realizada com pacientes no espaço do Museu. As atividades foram coordenadas pela psiquiatra Fátima Pereira, a psicóloga Denise Corrêa, comprometidas com o processo de ressocialização na CJM, e a artista plástica voluntária Regina Moura⁸. O *Atelier* Gaia teve sua origem nesta oficina de artes. Para chegar à fundação do Gaia, precisa-se percorrer 14 anos da história do Museu até a separação do *atelier*, em 2003.

O Museu Nise da Silveira, fundado em 1982, teve como primeira diretora a artista plástica Maria Amélia Mattei, que garimpava obras dos pacientes da Colônia Juliano Moreira. Foi também nesse ano a primeira exposição das obras de Bispo do Rosário no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, chamada “À margem da vida”, com a coordenação de Frederico Morais no Departamento de Artes Plásticas e organização da Maria Amélia Mattei.

Por ocasião da fundação da AAACJM, resolveu-se que os membros reuniriam esforços para a preservação da obra dos seus artistas. Entre outros objetivos da associação estava o financiamento de uma oficina de artes dentro do Museu Nise da Silveira, destinada a pacientes da CJM. Bispo do Rosário morreu em cinco de julho de 1989 e mais do que nunca sua obra precisou ser protegida, devido à ameaça de sua destruição pela equipe de funcionários do pavilhão Ulisses Viana. Eles consideravam que esses trabalhos ocupavam espaço excessivo no núcleo. Foi decidido transferir todo o acervo para o Museu Nise da Silveira. Ainda em 1989,

mais uma exposição foi realizada: “Registros de minha passagem pela terra: Arthur Bispo do Rosário”, de 8 de outubro a 5 de novembro na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), Rio de Janeiro, com montagem de Gerardo Vilaseca e curadoria de Frederico Morais⁸.

A oficina de artes foi criada nessa mesma época nas dependências do Museu. Funcionava em uma sala localizada no terceiro andar na sede do atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira (IMAS Juliano Moreira), junto ao Museu. Gilmar Ferreira foi convidado por Denise Corrêa, coordenadora de Reabilitação e Integração Social, para monitorar a oficina após participar de um projeto de arte durante sua internação no Hospital Municipal Jurandyr Manfredini (HMJM).

A década de 80 do século XX foi marcada por uma progressiva transformação no modelo assistencial psiquiátrico brasileiro. Dentre os fatores importantes para a Reforma Psiquiátrica Brasileira estavam: a ampliação dos atores sociais envolvidos no processo, incluindo os pacientes e seus familiares; e o surgimento de experiências institucionais bem-sucedidas na arquitetura de um novo tipo de cuidado em saúde mental¹. A origem da oficina de arte, em 1989, está pautada nesse processo de mudança de paradigma e de assistência ao contingente de pacientes da CJM. No catálogo da exposição individual de Bispo do Rosário, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, afirma-se que a Colônia ainda guardava suas características asilares. “Características asilares com estruturas massificadoras que constituem um permanente desafio para aqueles que trabalham para transformá-la. São 1874 internos vítimas da ‘psiquiatrização’ e da segregação social, que perderam sua cidadania e suas marcas individuais”^{9:44}.

A oficina de arte foi transformadora na vida de indivíduos que estavam submetidos ao sistema de saúde mental em evolução. Gilmar Ferreira, um dos pacientes do Hospital Municipal Jurandyr Manfredini (HMJM), foi o pioneiro nas atividades da oficina de artes do Museu Nise da Silveira. Iniciou a monitoria da oficina e foi importante na continuidade dessas atividades. Participou de duas exposições no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), sendo a primeira uma exposição individual em 1996 e uma coletiva, em 1998. Gilmar desenvolveu diversas atividades sociais, incluindo trabalho voluntário, quando monitorou oficinas de artes. Nota-se, em seu percurso, uma inserção social importante, inclusive colaborando ativamente na comunidade onde reside e em outros serviços destinados ao cuidado à saúde mental, reforçando o papel de ator social.

Leonardo Lobão, paciente da mesma unidade, juntou-se a Gilmar na monitoria da oficina. Ele participou de diversos concursos de artes, esteve entre os três primeiros lugares em alguns deles e, inclusive, recebeu permissão para expor na feira de artes de Copacabana. Expôs no MNBA, a primeira vez em 1997, com seu quadro em que retratava Arthur Bispo do

Rosário. Em 1998 houve outra exposição no MNBA, em conjunto com Gilmar e Patrícia, e repetiu uma exposição individual no museu em 2000. Atribuiu ao trabalho desenvolvido na oficina de arte e depois no *atelier* a reformulação da sua vida social, inclusive disse que pôde, com a venda das obras produzidas, construir a casa em que reside com a família.

Suas habilidades e contato prévio com a atividade artística os mantiveram como portadores de um conhecimento específico e aptos a transferi-lo a outros pacientes. Expandiram essa monitoria ao CAPS Simão Bacamarte, em Santa Cruz (RJ), que frequentaram por alguns anos, como oficineiros. Este início já demonstrou o papel reabilitador da oficina, pois deslocou o sujeito de uma posição de paciente, muitas vezes destituído de subjetivação e submetido às normas da instituição, para a posição de propagador de conhecimento, com o prestígio que a criação artística é capaz de fornecer. A criação artística resgata a dignidade e insere o sujeito em um campo social no qual o trabalho criativo o mantém na grande aventura de ser humano¹³.

Ao mesmo tempo em que Bispo do Rosário ganhou projeção, com diversas exposições de sua obra, firmando-se como artista plástico, a despeito de sua condição de paciente, os preceitos da Reforma Psiquiátrica Brasileira foram avançando, amadurecendo e se consolidando. Assim, a década de 90 do século XX foi marcada pelo aumento da participação social, pela busca da atenção integral e reconhecimento da cidadania dos indivíduos acometidos por sofrimento psíquico, sendo o marco instituir uma maior valorização dos dispositivos diversificados, abertos e de natureza comunitária, como foi o caso da oficina de arte¹.

Os participantes da oficina, inicialmente, vendiam o material produzido em uma barraca montada na Praia Vermelha, ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro. Leonardo Lobão contou um pouco sobre a experiência dos primeiros anos da oficina de arte e falou sobre a prática mercantil estabelecida dentro dos critérios da reabilitação psicossocial, aos quais a oficina estava submetida:

“Cheguei à oficina com a psicóloga Denise Corrêa em 1991/1992. Nós não tínhamos bolsa na época, então pegávamos nosso material e vendíamos no bondinho, no Pão de Açúcar. A gente vendia em dólar e faturava alto.”

Vale destacar alguns preceitos da reabilitação psicossocial¹⁴: o trabalho com valor social; a possibilidade de renda por meio da própria produção; o aumento da rede social.

A luta interna no campo das artes plásticas e no campo institucional da CJM foi apontada como motivo da saída de Frederico Morais, em 1994, afastando-se, assim, do Museu Nise da Silveira, da AAACJM e da curadoria das exposições de Bispo. Denise Corrêa também

se afastou em 1995, pelos mesmos motivos⁸. Com sua saída, a oficina de artes deu-se por terminada, como nos contou Gilmar Ferreira.

As atividades da oficina de artes foram retomadas com a direção do psicanalista Jorge Gomes, em 1995. Gilmar Ferreira, o primeiro monitor da oficina de artes, contou sobre o processo de reiniciação da oficina:

“Eu fiquei sabendo que tinha um novo diretor no Museu, o procurei e falei: Dr Jorge Gomes, você conhece este artista, o Leonardo Lobão? Coloca o Leonardo para trabalhar comigo na oficina de artes.”

Complementou Leonardo Lobão:

“Eu fiquei mais ou menos dois meses em casa. Aí foram lá me buscar. O Jorge Gomes foi lá em casa me chamar dizendo que eu tinha um trabalho legal e se não queria voltar e ganhar uma bolsa para transmitir meus conhecimentos para os pacientes, ajudar no trabalho com os pacientes, fazer terapia com eles.”

Então, a monitoria foi retomada na oficina de artes e os monitores começaram a receber uma bolsa de auxiliar psiquiátrico, substituída pela bolsa Etapa III, criada pelo IMAS Juliano Moreira para o processo de desinstitucionalização. A monitora Patrícia (codinome escolhido por R.S.N. e pelo qual gostava de ser tratada) juntou-se a Gilmar Ferreira e Leonardo Lobão.

Patrícia foi paciente do HMJM e do CAPS Bispo do Rosário, localizado na CJM, tendo chegado à CJM em torno de 1970. Iniciou suas práticas com pintura em uma oficina de praxiterapia, quando internada em um dos pavilhões da CJM:

“Virei monitora, eu já pintava. No Franco da Rocha [Pavilhão na CJM, onde mulheres ficavam internadas], eu pintava em cartolina, com os dedos.”

“Patrícia foi mais um dos casos da CJM que encontrou um caminho diferente na trajetória de sua doença. Era conhecida como um caso de extrema dificuldade, sendo rotulada com os mais diversos adjetivos pejorativos característicos no âmbito da psiquiatria: ‘psicopata’, ‘vagabunda’, ‘pepezuda’, hoje é reconhecida na CJM como Patrícia, a artista plástica (Entrevistada Rita Bittencourt).

Conforme relatou Rita Bittencourt em sua segunda entrevista, em 2013:

“A Patrícia uma vez disse: ‘A R.S.N. é uma pessoa que teve os pais hansenianos, é uma pessoa que foi abandonada, é uma pessoa que sofreu abusos, é uma pessoa que usou drogas, é uma pessoa que sofreu demais. A Patrícia é uma pessoa vitoriosa, a Patrícia é uma artista plástica que venceu tudo isso. Por isso gosto tanto de ser Patrícia.’”

A arte proporciona o diálogo entre o mundo interno e o externo, auxiliando no resgate da autoestima, da autonomia e da própria identidade, permitindo ao indivíduo recriar diariamente seus espaços cotidianos¹⁵.

Deve-se salientar que essas transformações na forma de cuidar dos indivíduos em sofrimento psíquico e, ainda, a evolução favorável de suas histórias de vida, foram possíveis devido à nova corrente que foi impondo-se, crescendo, e que levou a um maior engajamento no sentido de autonomia e subjetivação das pessoas que estavam envolvidas em todo o processo de assistência: pacientes, profissionais de saúde e a própria sociedade.

Após o psicanalista Jorge Gomes deixar a direção do Museu, seu assessor, o fotógrafo e mestre em História da Arte, Waldir Barreto assumiu o cargo. O diretor Waldir Barreto convidou Rita Bittencourt para a coordenadoria técnica no Museu Nise da Silveira em 1998. Nesta época, ela dirigia o Centro de Reabilitação e Integração Social (CRIS) e trocou sua função para estabelecer uma visão mais terapêutica na oficina associada ao Museu.

Waldir Barreto possuía formação artística e buscou Bittencourt, atenta às questões da subjetivação e inserção social, para ocupar o campo pertencente à saúde mental. Então, segundo a terapeuta ocupacional, Waldir Barreto fez uma divisão de funções em que ele ficaria responsável pelas obras de Bispo do Rosário, pela questão da arte, e ela coordenaria as atividades humanas, dando um cuidado terapêutico à oficina de criação. Ele deixou a direção do Museu Nise da Silveira em 2000 e foi substituído pelo psiquiatra e psicanalista Ricardo Aquino. Este fundou o Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea em 2001.

Rita Bittencourt, discordante com o rumo que o Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (MBRAC) vinha tomando, propôs à direção do IMAS Juliano Moreira a separação entre a oficina terapêutica de criação e o Museu, o que lhe foi concedido. Então, em meados de 2003, ela fundou o Ateliê Terapêutico Ocupacional Gaia, atual *Atelier Gaia*, que dirigiu até sua aposentadoria, em 2012.

Esta separação impulsionou, quase que forçosamente, a autonomia do Gaia dentro da instituição. O *atelier* foi constituindo-se como um serviço autônomo, já que, segundo Bittencourt, parou de receber investimento do IMAS Juliano Moreira e passou a depender dos próprios pacientes e de doações que recebia da comunidade, além de ter sido convidado a sair do espaço que estava ocupando no prédio sede, onde fica o MBRAC.

Novos dispositivos para a manutenção do *atelier* precisaram ser criados. Projetos associados às universidades garantiram o material para o trabalho criativo e aumentaram a visibilidade do potencial de produção artística dos pacientes. Alguns deles continuaram a ser utilizados, como é o caso do Café com Arte e a colaboração de universidades para a doação de material.

Após a aposentadoria de Rita Bittencourt, Fernanda Fernandes, terapeuta ocupacional, ex-estagiária do *atelier*, assumiu a sua direção até maio de 2013. Em agosto de 2013, mais uma mudança de local ocorreu e o *atelier* passou a ocupar o antigo refeitório do Centro de Ressocialização e Inserção Social (CRIS), que foi transformado em um polo cultural dentro da CJM. Além do *atelier*, este espaço inseriu a Escola Livre de Arte do MBRAC e o centro de convivência que promove atividades terapêuticas. Desde setembro do mesmo ano, o *atelier* passou a ser administrado pelo MBRAC e perdeu o foco no processo terapêutico, tornando-se um *atelier* de arte cuja proposta era convivência entre artistas, sua projeção e circulação comercial de obras produzidas no espaço.

DISCUSSÃO

No Brasil, foi Nise da Silveira^e que ao criar, em 1946, a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR) no Centro Psiquiátrico Pedro II, atual IMAS, solidificou as bases para que as atividades expressivas fossem utilizadas como método terapêutico no campo da saúde mental. Defendeu a utilização da terapia por meio da produção de arte como modalidade psicoterápica coletiva. Nise da Silveira afirmou que esse método, se utilizado com intenção psicoterápica, seria o mais viável nos hospitais públicos sempre superpovoados, locais onde a psicoterapia individualizada é impraticável, além de ser menos dispendioso para a economia hospitalar. Ideias tidas no passado, mas que continuam atuais¹⁶.

^e Nise da Silveira, nascida em Maceió em 15 de fevereiro de 1905 e falecida no Rio de Janeiro em 30 de outubro de 1999, foi uma psiquiatra que revolucionou a abordagem psiquiátrica na década de 40 no Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro. Após ser presa em 1936, ao encontrarem livros comunistas em seu quarto, voltou às suas atividades no hospital em 1946 e, discordante das práticas adotadas, como o eletrochoque, o coma insulínico e a lobotomia, reavivou o setor de terapia ocupacional por meio de oficinas, dentre as quais se destacou a oficina de pintura e modelagem. Com uma abordagem humana e contando com o “afeto catalizador”, termo inspirado na fala de um paciente da Casa das Palmeiras para designar a forma de cuidado que os monitores deviam imprimir aos frequentadores do setor, viu surgir uma evolução favorável do prognóstico desses sujeitos, que, antes inseridos em cotidianos com situações adversas, tiveram, nas práticas criativas, a possibilidade de expressarem seus sentimentos, seu mundo interior, podendo reavivar emoções e afetos.

Nise da Silveira observou que, em casos graves de esquizofrenia, o trabalho com a arte, mais especificamente a pintura e a modelagem, possibilitavam a comunicação não verbal. A produção artística seria um ponto de partida para o reestabelecimento da comunicação verbal. Ela considerava que esse método favoreceria a capacidade de organização das emoções, do pensamento e o controle dos impulsos:

[...] já havíamos verificado, desde 1948, que a pintura e a modelagem tinham em si mesmas qualidades terapêuticas, pois davam forma a emoções tumultuosas, despotencializando-as, e objetivavam forças autocurativas que se moviam em direção à consciência, isto é, à realidade¹⁶⁻¹⁷.

Nise da Silveira afirmava que a reabilitação era o fio condutor do trabalho desenvolvido no STOR e a definiu como a recuperação do indivíduo para a comunidade em nível até mesmo superior àquele em que se encontrava antes da experiência psicótica. Preocupou-se com a taxa de reinternações e defendia que as atividades expressivas poderiam preveni-las, mantendo a porta do *atelier* aberta. Acreditava que a criação possibilitava novas perspectivas de aceitação social por meio da expressão artística ou simplesmente como um método que favorecia o equilíbrio psíquico. A atividade artística afirma a própria existência e o prazer estético libera tensões da vida psíquica, pensamentos, emoções e paixões^{13,16}.

O *Atelier* Gaia, fundado 53 anos após o STOR, *atelier* de Nise da Silveira, sofreu influência direta das suas ideias. Contextualizado em outro momento histórico, o da Reforma Psiquiátrica Brasileira, o *atelier* assumiu diferenças significativas.

“A doença mental retira a potência da contratualidade social. O fazer artístico resgata uma fala e uma intencionalidade que não está revelada diretamente, mas que vai aparecendo na medida em que o sujeito vai se expressando através da obra de arte. Então ele vai como que avançando num território da cidadania, a partir do ser e do estar artista [...] no momento em que a arte possibilita o sujeito encontrar estratégias para ele ser aquilo que melhor ele sabe ser, para ele viver o seu próprio projeto de vida, para se sentir pessoa, sujeito novamente, cidadão, eu acredito que é a mais doce, forte e potente ferramenta de reconstrução de cidadania que temos na saúde mental.” (Entrevistada Rita Bittencourt).

Nise da Silveira acreditava que a atividade criadora mobilizava vários aspectos da psique, pois dava a oportunidade para que forças ordenadoras autocurativas fizessem oposição

às dissociações e às desordens causadas pelos conflitos psicológicos¹⁰. Ela também lutava pela humanização da Psiquiatria.

“Tem todo um processo de construção histórica, de reconhecimento, de disponibilidade, escuta, atenção; e, uma palavra que é importante demais para nós na saúde mental: cuidado. O *atelier* é um espaço de cuidado, de afeto, de escuta. Outra palavra é disponibilidade, é fundamental. Agregando esses elementos, eu acho que é uma potência libertária. Acho que estamos no Paleolítico Inferior da arte no processo terapêutico no Brasil. Espero que a gente melhore, porque na verdade as pessoas acreditam nas medicações, mas não acreditam na potência do pincel. Não estou desqualificando o remédio, estou qualificando a arte como ferramenta de reconstrução da cidadania.” (Entrevistada Rita Bittencourt).

Rita Bittencourt destacou o cuidado e a disponibilidade necessária para o sucesso terapêutico, fatores que Nise da Silveira abordou ao falar sobre o “afeto catalizador” proporcionado pela sensibilidade e pela atenção do monitor ao indivíduo no *atelier* do STOR.

Embora a linha teórica do *Atelier* Gaia tenha seguido diretamente os preceitos de Nise da Silveira, ele guardou diferenças significativas na forma de condução. Por exemplo, em relação à venda das obras, pois isto não ocorria no STOR e depois no Museu de Imagens do Inconsciente. No *Atelier* Gaia sempre houve estímulo para comercialização das obras. Esta geração de renda fez parte do processo de ressocialização vigente na CJM. Há que ser considerado o contexto histórico em que os serviços encontravam-se inseridos: o *atelier* de Nise da Silveira fazia parte de um sistema asilar e o *Atelier* Gaia surgiu no momento da desinstitucionalização. E tantas outras foram as diferenças impostas ao indivíduo e à condução de serviços. Por fim, pode-se destacar alguns pontos de maior relevância no trabalho de um *atelier* terapêutico, aos moldes do *Atelier* Gaia:

- a) a oferta de meios: a atividade expressiva para a consolidação da subjetividade;
- b) a produção de arte como forma de empoderamento e autonomia;
- c) a possibilidade de ofertar ao indivíduo em sofrimento psíquico um cuidado diferenciado, no qual o afeto e o respeito à individualidade e à formação da subjetividade sejam trabalhados e sustentados;
- d) a possibilidade de manejo coletivo de uma população que necessita de cuidados em saúde, de maior integração social e de superação de obstáculos individuais.

Seria preciso que cada vez mais projetos coletivos e culturais, capazes de modificar substancialmente a vida de pessoas em sofrimento psíquico, fossem valorizados e estimulados. A evolução do Ateliê Terapêutico Ocupacional Gaia para o *Atelier* Gaia, um *atelier* profissional, com maior abertura para a sociedade artística e não artística, em geral, fez pensar nas transformações no campo da saúde mental. O fato de que não seria possível retroagir em questões de cuidado, criou a necessidade de avançar nesse campo e de refletir sobre uma integração social mais completa, que consolidasse o sujeito como ator social.

O método terapêutico com arte ocasionou a observação de que a atividade expressiva é capaz de promover uma organização das emoções e da subjetivação. O trabalho artístico ofereceria, além disso, uma ocupação para quem o realizasse. Além de tudo, a valorização dessa prática estaria comprometida com uma reforma cultural dentro do campo da saúde mental.

CONCLUSÃO

Por meio das histórias colhidas com os personagens do *atelier* sobre a formação e a condução do trabalho realizado, foi possível ter uma visão das práticas adotadas no processo de reabilitação psicossocial dos seus frequentadores. Estes, desde o início desta formação, alcançaram um local de destaque que valorizou suas habilidades, deixando que estas superassem o sofrimento psíquico.

Em mais de uma década de existência, o *Atelier* Gaia passou por importantes transformações, reduzindo o enfoque terapêutico e migrando para o domínio do campo da arte. Seria uma oportunidade para refletir sobre os anos em que o trabalho desenvolvido nesse espaço esteve atrelado ao processo terapêutico mediado pela arte e que pôde modificar o desfecho na vida dos seus participantes.

Conclui-se, por meio da reconstrução da história do *atelier* e da observação de suas práticas na vida dos seus participantes, que a continuidade do *Atelier* Gaia e a expansão de serviços similares por toda rede de cuidado deveria ser garantida como espaço terapêutico e de criação, o que poderia representar uma nova fase de desenvolvimento no modelo assistencial, isto é, uma reforma cultural por meio da própria cultura e da arte. Foi desta maneira que o *Atelier* Gaia estruturou-se e participou da reabilitação psicossocial de todos os que estiveram envolvidos com o seu desenvolvimento, proporcionando subjetivação, autonomia e reduzindo a necessidade do aparato manicomial e assim fortalecendo o campo da atenção psicossocial.

COLABORADORES

1. Concepção do projeto, análise e interpretação dos dados: Paula da Conceição Fabrício, Maria Tavares Cavalcanti e Maria Cristina Reis Amendoeira.
2. Redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual: Paula da Conceição Fabrício, Maria Tavares Cavalcanti e Maria Cristina Reis Amendoeira.
3. Revisão e/ou aprovação final da versão a ser publicada: Paula da Conceição Fabrício, Maria Tavares Cavalcanti e Maria Cristina Reis Amendoeira.
4. Ser responsável por todos os aspectos do trabalho na garantia da exatidão e integridade de qualquer parte da obra: Paula da Conceição Fabrício, Maria Tavares Cavalcanti e Maria Cristina Reis Amendoeira.

REFERÊNCIAS

1. Tenório F. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos. *Hist Ciênc Saude-Manguinhos* [Internet]. 2002 jan-abr [citado 2013 nov 6];9(1):25-59. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702002000100003&lng=en&nrm=iso
2. Cavalcanti AMT, Loureiro C, Santos E, Amendoeira MCR, Cavalcanti MT. Pode a arte ser terapêutica? Reflexões a partir do trabalho desenvolvido com pacientes da terceira idade no Ateliê da Vida do Instituto de Psiquiatria da UFRJ-IPUB. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*. 2003;14(3):118-22.
3. Amarante P. Novos sujeitos, novos direitos: o debate sobre a Reforma Psiquiátrica no Brasil. *Cad Saúde Públ*. 1995 jul-set;11(3):491-4.
4. Lougon M. *Psiquiatria Institucional: do hospício à reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006.
5. Kaufman SR. In-depth interviewing. In: Gubrium JF, Sankar A, organizadores. *Qualitative methods in aging research*. London: Thousand Oaks; 1994. p.123-36.
6. Becker HS. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 3a. ed. São Paulo: Hucitec; 1997.
7. Minayo MCS, organizador. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21a ed. Petrópolis: Vozes; 2002.
8. Corrêa DA. *Arthur Bispo do Rosário: sua trajetória como artista plástico [dissertação]*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2002.
9. Morais F. *Arthur Bispo do Rosário: arte além da loucura*. Rio de Janeiro: NAU/Livre Galeria; 2013.

10. Mello LC. Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro: Automática; 2014.
11. Venancio ATA. Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX. *Hist Ciênc Saude-Manguinhos* [Internet]. 2011 dez [citado 2013 nov 6];18(supl.1). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000500003&lng=en&nrm=iso
12. Fabricio ALC. A assistência psiquiátrica no contexto das políticas públicas de saúde (1930-1945) [dissertação]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2009.
13. Amendoeira MCR. A expressão artística e a esquizofrenia – o caso de Adelina Gomes por meio das imagens [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2008.
14. Saraceno B. Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível. 2a ed. Rio de Janeiro: Te Cora; 2001.
15. Chan GT. Emygdio de Barros: a pintura como caminho. *Rev Ensaios* [Internet]. 2008 jun-dez [2013 nov 21];1(1):1-13. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ensaios/article/view/64/136>
16. Silveira N. O mundo das imagens. Rio de Janeiro: Ática; 1992.

Recebido: 16.4.2015. Aprovado: 7.1.2016. Publicado: 19.9.2017.